

Mínimos monstros

Vívien Gonzaga e Silva*

Beemot – Ao que se sabe, o monstro Beemot entra para o mundo das palavras no primeiro dos livros sapienciais da Bíblia. Ali, no *Livro de Jó*, o próprio Yahweh orgulha-se de sua criatura, e Beemot é descrito como um ser de excepcional vigor, as ancas robustas, o ventre musculoso, os nervos das coxas fortemente entrelaçados. Seus ossos são como colunas de bronze. Não menos impressionante é o movimento de sua cauda, como um cedro majestoso, a denunciar vida na imensa carcaça de ferro. Inacessível, ninguém ameaça o colosso: “Quem poderá agarrá-lo pela frente, ou atravessar-lhe o focinho com um gancho?” (Is 40,24). Proibido pela espada do criador de alçar à região das montanhas, esconde-se entre o junco do pântano, impassível, ignorando a sanha das águas do Jordão. Espera, tranqüilo, sob os lótus e salgueiros da torrente, até que o rio se eleve e lhe entre pela goela. Na língua, a singularidade do monstro é assinalada por uma relação curiosa: *behemoth* é plural. Um “plural intensivo”, lembra Jorge Luis Borges, para o vocábulo hebraico *b'hemah*, que se pode traduzir por “besta”. O nome do gigante bíblico aponta, assim, para uma forma indistinta – “animal”, “gado” –, e, contanto que se possa apreender o desmesurado, chega-se a um vislumbre desse ser extraordinário: Bestas! Eis a criatura, que, de tão excepcional em suas proporções, só se deixa nominar pelo múltiplo. Desse modo, a concepção de Behemoth, na narrativa bíblica, não atesta apenas o poder incomensurável de Yahweh, os deslimites da criação, mas, principalmente, os limites do conhecimento humano, que, ao fim, busca se expressar pela língua. Talvez por isso, modernamente, Behemoth venha sendo associado ao elefante ou ao búfalo, especialmente ao búfalo mítico mencionado nos textos encontrados nas ruínas de Ugarit, ao norte da Síria. Mais comum ainda é sua identificação com o indomável hipopótamo. Por esse caminho, Behemoth poderia ser também um rinoceronte formidável, como nas representações de Dürer e Salvador Dalí. Gigantes do mundo contemporâneo, certamente, mas a insignificância de suas caudas indica que nenhum parentesco se faz possível com o monstro bíblico. Na filosofia política, o assombroso Beemot será tomado por Thomas Hobbes como signo de rebelião, em seu estudo sobre a guerra civil e o Parlamento inglês. Nos nossos dias, como um arremedo, Beemot vem readquirindo popularidade, cedendo seu intrigante nome a uma banda polonesa de *death metal* e procriando no mundo dos *games* – como a justificar a designação plural. Aí, numa curiosa geografia virtual, centenas de beemotes habitam cidades antigas, onde se assemelham ao Minotauro, comunicam-se em linguagem humana e são lutadores ferozes. Contudo, se de fato for necessário retirar Beemot dos domínios da tradição mítica, uma exegese do *Livro de Jó* deve referir-se, diriam os cientistas, aos tempos dos dinossauros, quando, por exemplo, o herbívoro Diplodoco, que pesava aproximadamente 20 toneladas, usava sua cauda de 70 vértebras como chicote para se defender. Seria esta uma evidência científica da magnífica criatura. No entanto, talvez seja melhor dispensar as evidências: Beemot é apenas um poema! Um poema descomunal, exagerado, desmedido, e é, assim, a obra-prima de Deus!

Golem – Em princípio, o Golem é um autômato, destinado a cumprir inúmeras tarefas, inclusive domésticas, sob o comando de algum membro da comunidade judaica. Contudo, as ricas variações da lenda apontam para uma complexificação do mito ao longo dos tempos, permitindo que ele fosse continuamente revisitado, até os dias de hoje, pelas artes em geral, particularmente pela literatura e pelo cinema de ficção científica. O vocábulo *golem* corresponde ao português, “matéria-bruta” e, com esse sentido, no texto bíblico, aparece referindo-se a embrião, substância incompleta, amorfa, como no belíssimo salmo que o rei Davi dedica a Yahweh: “Teus olhos viram o meu embrião. No teu livro estão todos inscritos os dias que foram fixados e cada um deles nele figura” (Sl 139,16). Também com esse sentido, o primeiro homem pode ser visto como um Golem, já que foi criado a partir da matéria informe: “Então Yahweh modelou o homem com a argila do solo, insuflou em suas narinas um hálito de vida e o homem se tornou um ser vivente” (Gn 2,7). A cena primordial do nascimento de Adão – assim chamado por derivação do hebraico *adamah*, “barro”, “solo” – irá inspirar a lenda do Golem, na

qual uma pessoa sábia, em geral um rabino, molda, no barro, um ser com formas humanas e, através de algum procedimento mágico, confere vida à estatueta. O surgimento dessas narrativas é remotíssimo, talvez até anterior ao Judaísmo, mas uma de suas versões ficou celebrizada desde a Idade Média, quando, diz a lenda, o rabino Judah Loew, em Praga, teria criado, no século XVI, um Golem para defender o gueto de Josefov dos gravíssimos ataques que os judeus vinham sofrendo. Aplicando seu notável conhecimento da Cabala, o rabino, após modelar o boneco, escreveu em sua testa a palavra hebraica *emet*, “verdade”; a criatura encheu-se de vida e, durante muito tempo, cumpriu os desígnios do mestre, protegendo o gueto. Aos poucos, porém, o gigantesco Golem de Praga fugiu ao controle do rabino, tornando-se perigosamente violento. Rabi Loew não teve outra saída e, apagando a primeira letra da palavra, deixou na frente do Golem apenas a inscrição *met*, que significa “morto”, o que foi suficiente para que o estranho ser tornasse ao pó. Essa versão é exemplar no que diz respeito aos fundamentos do mito: o Golem é sempre uma criatura que se origina do barro; adquire vida através de uma intervenção mágica e, como ser vivente, criado, porém, de forma artificial, é limitado – grande parte das vezes, essa limitação se manifesta pela incapacidade de usar a palavra, o que, para o Judaísmo, é especialmente significativo. Além disso, não possui livre arbítrio e destina-se, apenas, a cumprir as ordens de seu humano criador. No entanto, todo Golem, em algum momento, irá infringir as leis que demarcam as fronteiras de sua existência inumana – cresce de forma desmedida, começa a demonstrar sentimentos humanos, torna-se violento, desobediente, ameaçador – , obrigando o demiurgo a destruí-lo. Dispersas no tempo e no espaço, as inúmeras narrativas que tratam do Golem apresentam, assim, certa funcionalidade no corpo da tradição judaica. Por um lado, ter um Golem a seu serviço era indício de sabedoria e santidade, pois a dádiva da criação exigia excepcional dedicação aos ensinamentos divinos. Por outro, por sua natureza monstruosa, o Golem assinala que todo e qualquer ser vivente que não tenha sido criado pela vontade divina será apenas, e sempre, uma imitação tosca e imperfeita, e que jamais terá pleno êxito.

Leviatã – De acordo com os textos sagrados do Judaísmo, foi no quinto dia da criação que Yahweh criou os seres do mar, entre eles, o Leviatã, para governá-los até o fim dos tempos. No início, como todos os outros animais, havia um casal, mas logo Deus percebeu que, devido ao tamanho e à natureza feroz desses seres monstruosos, manter o par seria fatal para as demais criaturas, e decidiu por destruir a fêmea. No *Midrash Rabbah*, conta-se que, de tão imenso, ele não precisa caçar para sobreviver, bastando-lhe abrir a bocarra para saciar a sede e a fome, sorvendo toda a água que flui do Jordão, mar adentro, sempre repleta de peixes, que lhe descem, sem escape, pela garganta. Desse modo se alimenta, privilegiado pelo excesso! Na Bíblia, a figura terrível do Leviatã começa a ser delineada, primeiramente, quando Yahweh o descreve, lançando, em diálogo com Jó, uma série de desafios: “Poderás pescar o Leviatã com anzol e atar-lhe a língua com uma corda?”, “Brincarás com ele como um pássaro, ou amarra-lo-ás para as tuas filhas?”, ou, ainda, “Poderás crivar-lhe a pele com dardos, ou a cabeça com arpão de pesca?” (Jo 40,25-31). Lembrando a imagem tão difundida, depois, nas fábulas medievais, o Leviatã se assemelha a um dragão, com dentes terríveis; seu dorso mostra uma fileira de escudos, “soldados com selo de pedra”, seu hálito queima como brasas, fazendo ferver as águas. Seus olhos, informa a descrição de Yahweh, “são como arrebois da aurora”, e de suas narinas “jorra fumaça, como de caldeira acesa e fervente”. Diante dele, corre o pavor, e, quando se ergue, “as ondas temem e as vagas do mar se afastam”. Leviatã é “rei das feras soberbas” (Jo 41,1-26). Por isso, talvez, alguns comentadores o associem ao antigo Egito, metaforizado no monstro adormecido, que assim deve permanecer – a custa de todo cuidado por parte dos hebreus para não reviver os sofrimentos passados no exílio –, pois, como demonstra a narrativa bíblica (Jo 3,1-8), uma crença popular dizia que uma imprecação lançada aos céus podia conjurar o ser maligno. Essa crença também está ligada à imagem de um tenebroso eclipse, noite de terror e malefícios, que pode ocorrer quando o monstro, provocado, engole o sol momentaneamente. Nos oráculos de Ezequiel, a imagem do “grande dragão deitado no meio do Nilo”, ali associada ao Faraó Apriés, reforça essa interpretação. Como explicitado no livro do profeta, a vitória de Yahweh sobre as nações inimigas de Israel acabará por destruir a implacável criatura: “te removerei do meio dos canais com todos os teus peixes

pregados nas tuas escamas”. Isso posto, a carne do monstro será reduzida a pasto para os animais do campo e aves do céu (Ez 29,3-21). Adiante, num provável acréscimo, o antigo dominador será comparado a um “crocodilo em pleno mar”: “revolvias-te nos teus rios, turvavas a água com os teus pés, agitavas as vagas” (Ez 32,1-2). A potência dessa metáfora política será celebrizada por Thomas Hobbes, já no século XVI, ficando o Leviatã definitivamente ligado à imagem do Estado totalitário e tirânico, que se põe frente a Deus, arrogando-se, com seu temível poderio, o direito de vida e de morte sobre todos os homens. E assim, o monstro aquático das águas primordiais, que já povoava o imaginário dos navegantes fenícios e a mitologia mesopotâmica, ressurgiu de tempos em tempos, em diversas culturas, como uma serpente, um crocodilo ou dragão que vive, desde sempre, nos oceanos profundos e lagos sombrios, impondo aos que se aventuram em seus domínios, toda a sorte de tormentas.

Lilit – A partir do século XIX, sob os ânimos do Romantismo, a imagem de Lilit ressurgiu nas páginas da literatura e nas artes européias como referência à irresistível – e fatal – sensualidade atribuída à mulher nesse período, mostrando-se razoavelmente reabilitada, hoje, junto a movimentos sociais de ordem contestatória. Esse mito antiqüíssimo, no entanto, já teve momentos piores, sem jamais deixar de apresentar associações ambíguas com aspectos destrutivos da mitologia religiosa de vários povos. Conta-se, à boca miúda, que Lilit teria sido a primeira mulher de Adão, rebelando-se, porém, ao saber que, embora feitos da mesma matéria e condição, eram distintos aos olhos de Yahweh. Essa contradição estaria expressa no *Gênesis*, quando, em um primeiro momento, relata-se que homem e mulher teriam sido criados simultaneamente, “homem e mulher ele os criou” (Gn 1,26-29); mais adiante, a mulher aparece como criação posterior, secundária, surgida da costela de Adão, e, por isso, a ele submetida, por desejo divino, como “uma auxiliar que lhe corresponda”. Ao ver-se, então, diante de Eva, Adão teria exclamado: “Esta, sim, é osso de meus ossos e carne de minha carne!”, estabelecendo um termo de comparação com uma companheira anterior, do que se pode inferir uma elipse na narrativa da criação (Gn 2,7-23). Estudiosos que se dedicam a esse mito ressaltam seu caráter insurreto, já que Lilit não se teria conformado a uma “ordem natural” das coisas, que lhe prescrevia não apenas a obediência ao macho da espécie, como também, e antes, aos desígnios divinos. Ocorre que, na impossibilidade de um acordo, Lilit abandona Adão, recusando, em seguida, a chance de se retratar – oferecida por Yahweh, através dos anjos Semangelaf, Sanvi e Sansanvi, em missão diplomática – e, assim, retornar ao paraíso. Essa dupla desobediência fará com que a primeira mulher seja condenada ao degredo perpétuo e expurgada das páginas do *Gênesis*. Restou, no texto bíblico, após essa presumível censura, apenas uma menção à Lilit, que, no exílio, encontrará um pouso entre gatos selvagens, hienas, sátiros e aves de rapina, na devastada terra de Edom (Is 34,14-15). O cerne das lendas que proliferaram em torno de seu nome mostra uma criatura sanguinária. Ao rebelar-se contra o criador, teria sido amaldiçoada pelos mensageiros de Yahweh: jamais teria prole, pois veria morrer, logo após o parto, cada filho que trouxesse no mundo. Inconformada, une-se ao demônio Samael e passa a perseguir as mulheres – nesse ponto, é identificada, muitas vezes, à serpente da narrativa edênica – e seus filhos recém-nascidos. A demonização da figura de Lilit é gradativa, perdendo-se, ao longo dos tempos, sua filiação a antigos mitos mesopotâmicos que a ligavam aos ritos pagãos de fertilidade e renascimento, sendo vinculada, aos poucos, ao avesso dessa referência e estabelecida nos domínios da morte e da escuridão. Transforma-se, assim, em implacável vingadora, demoníaca personagem a atormentar parturientes, vitimadas, com seus bebês, por febre mortal. Na Europa Medieval, começa a aparecer, também, como súcubo, assediando os homens durante o sono e, não raro, levando-os à morte. Suas representações mesclam, desde sempre, aspectos antropomórficos e zoomórficos, aparecendo ora como ser fascinante e sedutor, ora como criatura repulsiva, de aspecto hediondo. Pode, então, ser vista, aqui e ali – quase sempre em paisagens noturnas, pantanosas, funéreas ou infernais – como uma mulher de terrível beleza, como serpente gigantesca ou ave notívaga – a coruja, de olhar penetrante e canto lúgubre –; muitas vezes, mostra-se, ainda, como criatura vampiresca, com um escultural corpo feminino e asas de morcego; freqüentemente, apresenta dentes e orelhas pontiagudos, cauda ou chifres, reforçando seu estigma monstruoso e diabólico.

Ziz – Assim como Beemot é o monarca terrestre e o Leviatã governa os mares, o reino dos céus pertence a Ziz, também conhecido como Renanin, o cantor celestial, ou Seqwi, o vidente. Tão grande quanto monstro marítimo, as descrições dessa criatura dão a entender que seria impossível a qualquer homem enxergá-lo em toda a sua extensão, de uma só visada, pois, se ele pousasse os pés sobre a terra, sua cabeça alcançaria o céu. A despeito de sua forma imensurável, o Ziz aparece, em algumas fábulas, como pássaro benfeitor, pois a envergadura de suas asas é capaz de obscurecer o sol, protegendo a Terra do calor excessivo e dos ventos tempestuosos que sopram vez ou outra. Dizem que, ao nascerem, os filhotes desse pássaro mítico saem dos ovos sem o auxílio da mãe; nascem, por assim dizer, diretamente do ninho. Contam, ainda, que, certa vez, um ovo de Ziz caiu no chão e quebrou, inundando sessenta cidades e esmagando trezentos cedros, como se fosse um meteoro. Essa ave admirável é considerada como um arquétipo das criaturas monstruosas, estando representada, sob diversos nomes, desde as mais antigas civilizações. Pode, então, surgir como simples pássaro – simples, mas sempre gigantesco –; como uma ave de fogo; ou, ainda, como híbrido alado de inúmeros animais – touro, cavalo, leão, peixe. Muitas vezes, aparece mesclado a outros seres lendários, quando, além das imensas asas, pode ostentar caudas em forma de lança ou arpão e muitas cabeças. Na ortodoxia judaica, no final dos tempos, Beemot e Leviatã travarão um duelo mortal para ambos, do qual Ziz participará em auxílio ao monstro terrestre, e ali também encontrará sua hora. Mortos, os três, sua carne será servida em banquete aos piedosos, em proporcional recompensa a cada merecimento. A pele do Leviatã servirá para fazer as tendas nas quais o copioso banquete será servido e, ainda, cobrirá Jerusalém, dali irradiando luz para o mundo.

* **Vívien Gonzaga e Silva** é professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, Mestre em Letras: Teoria da Literatura, Doutoranda em Letras na UFMG e pesquisadora do Núcleo de Estudos Judaicos da UFMG.